

# MARGUERITE STEIN HIRSCHBERG<sup>1</sup>

(Frankfurt am Main, Alemanha, 1933; Rio de Janeiro, Brasil, 2020)



Marguerite Stein Hirschberg, retrato a partir do vídeo registrado durante a entrevista. Rio de Janeiro, 4 de outubro de 2017. Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

---

1 Entrevista concedida por Marguerite Hirschberg a Maria Luiza Tucci Carneiro, Silvia Lerner e Fernanda Capri, pesquisadoras do Arqshoah – Projeto Vozes do Holocausto, com a presença de Raul Cesar Gottlieb. Local: Lar União Associação Beneficente Israelita. Rio de Janeiro, 4 de outubro de 2017. Vídeo/áudio e transcrição: Fernanda Capri. Transcrição: Tucci Carneiro. Pesquisa complementar: Blima Lorber e Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci Nascimento.



## Marguerite Stein Hirschberg

Minha vida em Frankfurt, quando ainda pequenina, era muito intensa.<sup>A</sup> Lá havia muito mais judeus que nas outras cidades; aliás, até hoje. No ano que eu nasci, em 1933, Hitler chegou ao poder. Uma boa data, não é mesmo? Bem, depois que ele foi eleito eu cheguei. Então, a minha vida toda foi quase perseguição. Desde os seis anos eu estudei na escola *Philanthropin*<sup>B</sup> em Frankfurt, uma escola judaica, mas que recebia também crianças não judias, mesmo porque o colégio era muito bom, muito bom mesmo. Ficava em um prédio enorme, que depois foi transformado pelos nazistas em um hospital para abrigar os soldados feridos. Muitos anos depois transformou-se em uma escola de música. Estudei ali até o seu fechamento.



*Philanthropin*, escola frequentada por Marguerite. Frankfurt am Main, [Hesse-Nassau; Hesse] Alemanha, 2007. Fotógrafo: Evack. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2f/Philanthropin\\_Frankfurt.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2f/Philanthropin_Frankfurt.jpg).

Acesso em: 19 set. 2020.

**A-** Em 1933, a comunidade judaica em Frankfurt contava com mais de 30 mil membros, sendo considerada um importante centro de reforma religiosa. O rabino Samson Raphael Hirsch liderou a formação da comunidade ortodoxa separatista, que se uniu para formar a Sociedade Religiosa Israelita em 1848. Dentre os principais locais de culto havia a sinagoga principal no bairro judeu, outra em Börneplatz, uma terceira na Friedberger Anlage, construída em 1907 para a comunidade ortodoxa separatista, e a liberal Sinagoga Westend, construída em 1910. Importantes também são a Universidade Johann Wolfgang von Goethe e o jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. Durante os doze anos de governo nazista, a vida judaica em Frankfurt foi sendo destruída. Muitos membros da comunidade conseguiram deixar a Alemanha a tempo, mas cerca de 12 mil judeus de Frankfurt foram condenados à morte nos campos de extermínio nazistas. Em 29 de março de 1945, o Exército americano libertou Frankfurt. Em julho daquele ano, o rabino Dr. Leopold Neuhaus, que havia retornado do campo em Theresienstadt, foi comissionado pelo governo militar dos Estados Unidos para estabelecer uma comunidade judaica.

**B-** A *Philanthropin School* tornou-se no século XIX o centro do judaísmo liberal, tendo como lema “Pela iluminação e pela humanidade”. O atual prédio da escola foi construído em 1908 e, durante a República de Weimar, viveu sua fase de ouro sob a liderança de Otto Driesen, chegando a ter cerca de mil alunos. Quando os judeus foram proibidos de frequentar as escolas públicas alemãs, as crianças judias foram matriculadas na *Philanthropin*, que possuía ensino fundamental e médio. O ensino médio funcionou até abril de 1941 e o primário até junho de 1942, sendo encerrados por imposição do governo nacional-socialista. A partir de 1954, o antigo prédio da escola serviu de escritórios para a comunidade judaica e, em 1978, ele foi vendido e revitalizado como o novo centro comunitário judaico no West End de Frankfurt. De 1986 a 2004, o local foi usado como sede do Conservatório Hoch e também de uma companhia de teatro. Em 2006/2007, o prédio tornou-se a sede da *IE Lichtigfeld-Schule*, uma escola judaica fundada em 1966. A escola agora é comumente chamada de *Philanthropin*.



Crianças judias em uma classe da escola *Philanthropin*, onde Marguerite Stein Hirschberg estudou. Frankfurt am Main, [Hesse-Nassau; Hesse] Alemanha, 1937-1938. United States Holocaust Memorial Museum, courtesy of Lore Gotthelf Jacobs. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1108659>. Acesso em: 14 out. 2020.



Lina Stein, Neuberger de solteira, avó de Marguerite Stein Hirschberg. Meckesheim, *c.* 1940. Fotografia não identificado. Disponível em: [https://www.rnz.de/nachrichten/region\\_artikel-erste-stolpersteine-in-meckesheim-juedische-familien-symbolisch-in-die-dorfgemeinschaft-zurueckgeholt-\\_arid,339255.html](https://www.rnz.de/nachrichten/region_artikel-erste-stolpersteine-in-meckesheim-juedische-familien-symbolisch-in-die-dorfgemeinschaft-zurueckgeholt-_arid,339255.html). Acesso em: 30 set. 2020.

Minha avó Lina Stein, mãe da minha mãe, morava com seus outros filhos em Meckesheim. Lembro-me de que eu gostava muito de dançar, de cantar... gostava muito. Música! Gostava

*Marguerite Stein Hirschberg*

da minha família, dos meus tios [...]. Até hoje eu adoro uma música. Clássica! Na casa da minha avó tinha uns tios que tocavam muito bem piano, e a minha tia cantava muito bem. Minha mãe não tinha ouvido nenhum. Engraçado, não é mesmo? [...]. Lá tínhamos um concerto dentro de casa, eu gostava. Este foi um dos momentos mais alegres da minha vida.

## *Quando tudo começou a mudar*



Crianças alemãs olham o jornal antissemita *Der Stürmer* e outros pôsteres de propaganda nazista, 1935-1941. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nazi-propaganda?parent=pt-br%2F88>. Acesso em: 20 set. 2020.

Quando tudo começou a mudar para nós judeus, eu era muito pequenina, pois nasci em 1933. A nossa casa era “a nossa casa”, mas depois de 1939 para ir ao colégio precisávamos usar a estrela de Davi.<sup>A</sup> Na entrada das lojas havia sempre um cartaz onde estava escrito “Proibido entrar cachorros e judeus”, e somente podíamos entrar nas lojas de proprietários judeus, que não eram muitas. Então, a gente

A- Entre setembro de 1935 e outubro de 1936, Marguerite residiu na Heim “Isenburg”. Em 1939, foi levada para o Kinderhaus Hans-Thoma-Straße 24 (Lar Infantil da Associação de Bem-Estar Feminino de Frankfurt). Em 15 de setembro de 1942 foi deportada de Frankfurt am Main (1140) para o gueto de Theresienstadt (XII / 3-1125).

não podia entrar em quase nenhuma loja. Carne? Não podia mais comprar; e as nossas joias fomos obrigados a entregar, todas. Às vezes, a *Gestapo* vinha, quase sempre à noite para assustar a gente, para ver se tínhamos joias ou alguma coisa que não havíamos entregado. Se não entregássemos era a morte certa. Minha mãe era uma heroína. Ela cuidava dos judeus idosos que, durante o nazismo, só podiam ficar nos lares para velhos, um tipo de hospital para os judeus. Como minha mãe era enfermeira, então trabalhava nesses hospitais.<sup>A</sup> Até o momento de ir para o gueto, eu fiquei na Kinderhaus Hans-Thoma-Straße 24 [Lar Infantil da Associação de Bem-Estar Feminino de Frankfurt].

## *De Frankfurt para Theresienstadt*

Em 15 de setembro de 1942, nós fomos levados de caminhão até a estação ferroviária de Frankfurt, e de lá nos colocaram em um trem, com todo mundo junto, com destino ao campo de Theresienstadt. Muitas pessoas! Eu pensei assim: “Afim vou fazer uma longa viagem”. Perguntei à minha mãe: “Para onde vamos?” Ela apenas respondeu: “Theresienstadt, lá na Tchecoslováquia”. Feliz, eu comentei: “Ah, que bom, afinal vou viajar!”

Nossa viagem durou um dia e uma noite, pois não era tão longe assim. Conseguimos levar algumas coisas, mas eles [os nazistas] não diziam nada, nem para onde... Não sei, isso é uma coisa que não posso responder, porque não me lembro. Minha mãe sabia o que estava acontecendo, mas apenas disse que íamos fazer uma longa viagem. Acho que fomos levados para Theresienstadt porque ela era enfermeira

A- Até o momento de ir para o gueto, Marguerite ficou no Kinderhaus Hans-Thoma-Straße 24 – Lar Infantil da Associação de Bem-Estar Feminino de Frankfurt (Frankfurter Kinderhaus der Weiblichen Fürsorge e.V.). Em 15 de setembro de 1942, a *Gestapo* deportou todos os residentes, conforme pesquisa realizada por Volker Mahnkopp, pastor da Congregação Maria Magdalena em Frankfurt Sachsenhausen. Setenta anos depois, após a evacuação do Lar Infantil, foi inaugurado no local, em 26 de abril de 2017, um memorial em nome dessas “crianças esquecidas”.

*Marguerite Stein Hirschberg*

e lá eles precisavam. Nessa época eu tinha nove anos. Lá no gueto ela foi trabalhar com pacientes que apodreciam, apodreciam de fome, de câncer, de tudo. Apodreciam mesmo! Ela cuidava deles, limpava-os, pois não tinha remédio, não tinha sabão, não tinha nada. Para amenizar um pouco. Isso dentro do campo.



Judeus de Frankfurt, identificados com a estrela amarela na roupa, aguardam o embarque com destino a Theresienstadt, s.l., s.d. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/theresienstadt>. Acesso em: 20 set. 2020.

Fonte: Holocaust Education & Archive Research Team. Disponível em: <http://www.holocaustresearchproject.org/nazioccupation/frankfurt.html>. Acesso em: 19 set. 2020.

Chegando a Theresienstadt descemos do trem e andamos um bocado, acompanhados pelos dois lados por nazistas que iam tomando conta da gente, com cachorro policial. Fomos andando, andando, andando até que chegamos no campo. Lembro-me de que fiquei deitada no chão e não queria comer. Não queria comer, pois achei a comida horrível: sopa

### *Vozes do Holocausto*

com casca de batata. Expliquei para minha mãe: “Não aguento comer!” Então ela disse: “Você tem que comer senão você morre”. Aí comecei a comer aquela comida horrorosa: sopa com casca de batata. Recebíamos cem gramas de pão por pessoa; cem gramas de pão, isso eu me lembro.

### Tabela da alimentação dos prisioneiros de Theresienstadt

<b>Durante a semana</b>	<b>Almoço</b>	<b>Ceia</b>
<b>Segunda-feira</b>	Sopa e milho	Um pequeno pedaço de pão
<b>Terça-feira</b>	Sopa, batatas, nabos	Sopa
<b>Quarta-feira</b>	Sopa, batatas, goulash	Um pequeno pedaço de pão
<b>Quinta-feira</b>	Sopa e cevada	Salsicha, sopa
<b>Sexta-feira</b>	Sopa e cevada	Pão de forma
<b>Sábado</b>	Sopa, batatas, nabos	Sopa
<b>Domingo</b>	Sopa, pão de forma com creme	20 gramas de margarina e uma colher de chá de geleia

Fonte: THOMPSON, Ruth. *Terezín: Voices from the Holocaust*. Somerville, MA: Candlewick Press, 2011, p. 39. Tabela originalmente em inglês.

Inicialmente nós dormíamos no chão. Em Theresienstadt havia casernas, pois havia sido um lugar para militares. Minha mãe logo foi trabalhar e nós ficamos soltos, sei lá. Eu apanhei uma alergia das picadas de percevejo, pulgas, tinha tudo, tinha tudo que você pode imaginar, a gente estava com o corpo cheio, era muita gente por causa disso também. Mas a maioria apodreceu mesmo em Terezín, que não tinha câmaras de gás. As pessoas morriam devagarzinho, com muita dor, com as doenças; apodreciam, viu?<sup>A</sup>



Na fila em frente à cozinha. Theresienstadt, 12 de janeiro de 1942. Desenho de Helga Weiss, então com 15 anos e meio, que viveu três anos como prisioneira no campo. Disponível em: <https://portalivros.wordpress.com/2013/07/21/diario-de-helga-de-helga-weiss-e-o-testemunho-de-uma-jovem-num-campo-de-concentracao-nazi/>. Acesso em: 20 set. 2020.<sup>B</sup>

Não me lembro de encontrar algum coleguinha de Frankfurt, não, não me lembro. Meu pai já tinha falecido, pois já havia sido levado. Estávamos apenas minha mãe e eu. A gente dormia naqueles beliches de três andares. E quando uma pessoa tinha diarreia, pois lá tinha muita gente

**A-** Cerca de 15 mil crianças passaram pelo campo de concentração de Terezín. Destas, apenas 93 sobreviveram ao confinamento e extermínio, sendo Marguerite uma delas. A professora responsável pelas aulas de desenho em Terezín chamava-se Friedl Dicker-Brandeis, natural de Viena (Áustria) onde nasceu em 30 de junho de 1898. Perdeu a mãe com quatro anos de idade e foi criada pelo pai, que era funcionário de numa papelaria. Formou-se pela Escola de Artes e Ofícios de Viena, onde recebeu orientação de Franz Cizek. Mais tarde estudou com Johannes Itten, e, entre 1919 e 1923, o acompanhou à Bauhaus, em Weimar. Depois, ela trabalhou como artista e designer de interiores em Berlim, Praga e Hronov, e também como professora de crianças judias e filhos de refugiados políticos proibidos de frequentar a escola regular até 1942, ano em ela e seu marido foram deportados para Terezín.

**B-** Em 1941, Helga Weiss e os pais foram enviados para o campo de concentração de Terezín, onde viveram durante três anos. Helga registrou o seu dia a dia até que, em 1944, foram transportados para Auschwitz. Helga deixou o diário com o tio, que o escondeu no interior de uma parede para preservá-lo. Do pai de Helga nunca mais receberam notícias, mas Helga e a mãe sobrevivem aos horrores de Auschwitz e aos transportes dos últimos dias da guerra, conseguindo regressar a Praga. No momento em que registra as suas experiências desde Terezín, Helga tem 15 anos e meio. Reconstruído a partir dos cadernos originais, recuperados mais tarde de Terezín, e das páginas soltas nas quais Helga escreveu depois da guerra, o diário encontra-se publicado na íntegra pela Editora Bertrand. *O diário de Helga* é, assim, um dos testemunhos mais vívidos e abrangentes escritos durante o Holocausto a ser recuperado.



Alojamento no gueto de Theresienstadt, 1941-1944. Desenho de Bedřich Fritta (1906-1944) Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/89/In\\_the\\_Living\\_Quarters.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/89/In_the_Living_Quarters.jpg). Acesso em: 20 set. 2020.

com muito tifo, aí caía embaixo; se fazia xixi, caía tudo na pessoa que dormia embaixo. O melhor lugar era o último, na parte de cima. Eu dormia em outro lugar, com as meninas da minha idade, tudo misturado com tudo, crianças e adultos. Mas depois eles separaram.

Em Terezín havia muitos intelectuais prisioneiros, muitos, além de uma orquestra maravilhosa, muitos professores que contavam coisas interessantes para as crianças... Lembro-me de uma professora de história, que ensinava história da Grécia. Ela não sabia nada de outras histórias, só da Grécia. Matemática? Não, essa coisa não aprendi, infelizmente. Em Theresienstadt tinha muita gente intelectual, mas também tinha muita fome, e só se falava de comida. Eles falavam de comidas que eu não conhecia, mas era proibido essas coisas, mas falavam. Eu não ligava muito porque não conhecia mesmo! Mas esse pessoal até sonhava com essas comidas. Lá havia muitos judeus de Viena, da Alemanha e da Áustria. Não cheguei a ver ciganos não; nenhum, nenhum. Eles foram todos para Auschwitz. Eu também nem sabia.

Em Theresienstadt havia um grupo de meninas que desenhava, elas faziam parte de uma oficina de desenho. Eu via elas desenharem, mas não eram do meu grupo. A maioria que pintava era de Praga, da Tchecoslováquia. Eu nunca falei com esse grupo. Eu só via elas desenharem ao ar livre. Eu não sei como conseguiam lápis, porque era proibido ter papel,

lápiz, essas coisas. Não sei onde arrumavam... Eu trabalhei cortando – como se chama aquilo que tem em cada lâmpada elétrica? Mica? – mica, pois eles [os nazistas] precisavam para a guerra.<sup>A</sup>

Em Terezín, antes da chegada dos Aliados, nós jogamos todas as cinzas, que formavam uns montes, em um rio que se chamava Ohre [afluente do Rio Elba]. Já ouviu falar? As crianças juntavam as cinzas [em caixas] e jogavam no rio. Eu fui obrigada a fazer isso. Vi o forno crematório que funcionava noite e dia. Às vezes, não tinha nem espaço [lá dentro]. Eu me lembro de que no hospital onde minha mãe trabalhava tinha um lugar para colocar os mortos. Não tinha caixão nem nada. Ficavam com os olhos assim [arregalados], e completamente desfigurados, porque nem rato tinha para comer. Não tinha “lixo”, e depois levavam para o forno crematório. Depois, demorava. Tinha muita gente morrendo.<sup>B</sup>



Gueto de Theresienstadt (1941-1945) às margens do rio Ohre, afluente do Elba, onde as crianças depositavam as cinzas dos corpos cremados. Fotografia de Roland Wildberg Wildfish, Uta Fischer. Disponível em: <https://ghettospuren.de/press-2/screen-material-to-use/?lang=en>. Acesso em: 30 set. 2020.

**A-** Aulas diárias e atividades esportivas eram mantidas, e a revista *Vedem* foi editada lá. A artista e professora de artes, Friedl Dicker-Brandeis, criou aulas de pintura para as crianças no gueto, atividade que resultou na produção de cerca de quatro mil pinturas infantis, que ela escondeu em duas malas antes de ser mandada para Auschwitz. Essa coleção foi poupada da destruição pelos nazistas e não foi descoberta durante uma década. A maioria destes desenhos pode ser vista no Museu Judaico em Praga, cuja seção Holocausto é responsável pela administração da Coleção do Arquivo de Theresienstadt. As crianças do campo também escreveram contos e poemas, alguns dos quais foram preservados e posteriormente publicados numa coleção chamada *I Never Saw Another Butterfly* (*Nunca mais vi outra borboleta*)

**B-** Relato de Horst Cohn, nascido em Berlim, naquela época com 13 anos de idade, sobrevivente de Theresienstadt. Juntamente com mais 19 crianças, foi encarregado de destruir as cinzas dos mortos: “A morte não nos assustava, assim como a cinza dos mortos não foi capaz de nos assustar. Nós sabíamos da existência do crematório onde os mortos eram queimados. E sabíamos que as cinzas eram guardadas. Também sabíamos que cada cadáver era queimado separadamente. Um prisioneiro judeu empurrava um cadáver para dentro do forno a uma temperatura por volta de 2.500 graus. Tudo era queimado, inclusive os ossos. Do outro lado do forno, outro prisioneiro juntava as cinzas com o auxílio de um gancho de ferro, colocando-as em uma caixa de papelão, que depois fechava. A seu lado, outro prisioneiro etiquetava as caixas. Nome, local de nascimento, data de nascimento e data do óbito”. [BRENDER, 2014, p. 342].

## Vozes do Holocausto

As crianças iam em fila carregando uma caixa com cinzas que ia passando de mão em mão até ser jogada no rio. Eu nunca ganhei nada por isso, nada, nem um pão. Lembro-me de que em Theresienstadt havia dinheiro, dinheiro falso, muito bonito, com uma figura de Moisés. Muito lindo. Lá tinha coisas bem feitas. Guardei uma dessas cédulas, mas foi queimada no incêndio do meu apartamento. Esse dinheiro não circulava, a gente ganhava e guardava.<sup>A</sup>



Cédulas para uso interno no gueto de Theresienstadt, conforme citado por Marguerite Stein, caracterizada por uma Estrela de David e a figura de Moisés segurando as tábuas com os Dez Mandamentos, década de 1940. Acervo: Tucci/SP.

Em Terezín, por exemplo, eu e a Tereza [?] vivíamos nos lares de crianças (casernas) sendo um para as meninas e outro para os meninos. Nós ficávamos no **L 414**, mas não sei quantas pessoas estavam lá, não sei. Não sei mesmo.<sup>B</sup> Quando eu saí de Theresienstadt já tinha 12 anos. Lembro que minha mãe me falou sobre menstruação, mas sobre o resto não. Eu ainda não tinha nada... [seios]. Somente percebi no dia 14 de julho, quando na França se faz uma grande festa de rua, quando fui com um colega festejar na rua, olhar as coisas e tal. Percebi que todos os homens

**A-** Sobre Theresienstadt ver o artigo de BOSI, Ecléa. “O campo de Terezín”, in: *Revista de Estudos Avançados*, v. 13, n. 37, S. Paulo, set./dez., 1999. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141999000300002&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141999000300002&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 14 out. 2020.

**B-** “De ambos os lados da igreja do lugarejo, agora fechada, havia duas antigas casernas de oficiais, de bom aspecto, L 410 e L 414. Em uma delas, a administração judaica do campo abrigava crianças tchecas, na outra, crianças que falavam alemão. Fui admitida em **L 414**, junto com o grupo de meninas mais jovens. L 414 é o único de meus endereços que jamais esqueci. [...] Eram trinta meninas da mesma idade em um espaço onde deveriam caber duas ou três com algum conforto. Não era um dormitório, era nosso domicílio, o único”. Testemunho de Ruth Klüger. *Paisagens da memória: Autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*. Trad. Irene Aron. S. Paulo: Editora 34, 2005, p. 80.

olhavam para mim; todos não, mas bastante. “Mas, o que é que estão olhando?” Foi então que percebi que tinha que comprar um sutiã. Que coisa!

## *O Brasil como destino*

Após a nossa libertação, fomos para Paris. Meu tio nos mandou dinheiro porque nós não tínhamos nada, absolutamente nada. Acho que foi no final de 1947, e lá ficamos durante dois anos e tanto. Foi lá que minha mãe conheceu o James, que também era judeu, com quem se casou. Amor em Paris! Ele havia fugido a pé pelos Pirineus e desceu para a Espanha. Depois nós fomos para a Bolívia, onde o James tinha um irmão. De lá viemos para o Brasil, onde chegamos em 1949. Uma instituição judaica acertou os vistos para nós viajarmos, pois não tínhamos nacionalidade. Eu não sei quem fez isso, pois também não fui eu que arrumei a documentação.

Lembro-me de que nessa época o Dutra estava no governo e os judeus não podiam entrar, viu? Só católicos. Em 1950, a Santinha – que é uma coisa, né, a mulher do Dutra – fechou os cassinos, essas coisas todas.<sup>A</sup> E, diante disso, nós judeus não podíamos entrar, somente os católicos. Nessa época, em Paris, havia um bispo (ou era quase bispo, sei lá) cujo tio era judeu. Ele escreveu [em um atestado] que éramos católicos, quer dizer, assim entrei no Brasil como católica. Não tenho mais este documento, pois perdi tudo. Não, não tenho mais nada; perdi tudo quando o meu apartamento pegou fogo.

Viajamos de navio para o Brasil. A viagem foi ótima para mim, me diverti um bocado. Foi muito bom. Acho que a

A- Os cassinos brasileiros eram bem frequentados ainda no Império até pelo imperador D. Pedro II. Passaram para a clandestinidade no início do século XX e voltaram à legalidade com Getúlio Vargas (1930-1945). No entanto, havia muita insatisfação e pressão da sociedade e da Igreja Católica, que culminou com o retorno à ilegalidade em 1946. A pressão maior veio de “Dona Santinha”, como era chamada Carmela Dutra, descrita como “uma mulher católica, devota e fervorosa”. Casada com o presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, e ligada à ala mais conservadora da Igreja, lhe fez várias exigências: a extinção do Partido Comunista Brasileiro, a construção de uma capela no Palácio Guanabara, que seria a residência oficial da família, e o fechamento de todos os cassinos e a proibição dos jogos de azar em todo território nacional, incluindo o cassino do Copacabana Palace.

Vozes do Holocausto

viagem durou uma semana quase. Eu acho, não sei, eu não contei. Não sei, não me lembro. Mas lembro que no navio havia muita gente, não sei de onde vinham... Havia muita gente. Muitos judeus, muita gente. No navio, uma senhora grávida caiu, foi horrível. Acharam que deviam chamar um médico, não tinha enfermeira para ajudar. Já pensou? Aí veio um médico velho, que eu tive que segurar, e eu aguentei. Quando ele acabou, eu disse: “Dá licença?”

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MODELO S.C. 139  
361433

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **ANNA HIRSCHBERG STEIN**  
Admitido em território nacional em caráter **temporário**  
(temporário ou permanente)  
Nos termos do art. 7.º letra **a.** do dec. n. 7967, de 1945  
Lugar e data de nascimento **Mingolsheim, 11/4/1898.**  
Nacionalidade **alemã** Estado civil **casada**  
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Alexander e Lina Neuberger**  
Profissão **doméstica**  
Residência no país de origem **P. Lendaeta nº 50 - La Paz -**  
NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS  
**Margerita Hirschberg 16 anos filha.**

Passaporte n.º **49-AB08356.** expedido pelas autoridades de **Pre. de Paris, França,** na data **17 de fevereiro de 1949.**  
visado sob n.º **99.-**

Assinatura do portador: *Anna Hirschberg*

Consulado **geral** do Brasil em **La Paz**  
em **12 de abril** de **1950.**  
O CONSUL: *[Assinatura]*

NOTA - Esta ficha deve ser fornecida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MODELO S.C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **JAMES HIRSCHBERG PLORKOWSKY**  
Admitido em território nacional em caráter **temporário**  
(temporário ou permanente)  
Nos termos do art. 7.º letra **a.** do dec. n. 7967, de 1945  
Lugar e data de nascimento **Berlin, 20 / 12 / 1899.**  
Nacionalidade **alemão** Estado civil **casado**  
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Fritz e Elfriede Plorkowsky**  
Profissão **técnico**  
Residência no país de origem **P. Lendaeta nº 50 - La Paz -**  
NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n.º **PAC0026.** expedido pelas autoridades de **Pre. de Besençon França,** na data **22 de fevereiro de 1949.**  
visado sob n.º **98.-**

Assinatura do portador: *James Plorkowsky*

Consulado **geral** do Brasil em **La Paz**  
em **12 de abril** de **1950.**  
O CONSUL: *[Assinatura]*

NOTA - Esta ficha deve ser fornecida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.



Fichas consulares de qualificação de Anne [Anna] Hirschberg Stein e sua filha menor Marguerite Stein Hirschberg, com 16 anos, e de James Hirschberg Plorkowsky, com vistos temporários emitidos pelo consulado-geral do Brasil em La Paz, em 12 de abril de 1950. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Fui lá fora [no convés] e me senti tão mal, tão mal... Naquele dia – até hoje eu me lembro disso [...] – pergunto “Por que ele escolheu a mim? Não entendi!” Nessa época eu tinha 16 anos.

## *Minha vida no Brasil*

Assim que chegamos ao Rio de Janeiro, fomos até a Praça Mauá, onde o meu tio estava nos esperando. Ele nos levou para o apartamento dele, que era bem grande, na Marques de Abrantes, no Flamengo. Nossa! Parece até que eu estou na Idade Média... Nessa época as moças não podiam andar sozinhas com o namorado. Imagina? Me revolta isso. Não podíamos ir sozinhas ao restaurante, e se você tivesse um namorado, tinha que ir com a irmã, com a amiga ou a mamãe. Coisas assim, tão esquisitas!

Ah, eu fazia ginástica na praia, onde me chamavam de “gringa biruta”. Nessa época eu nem sabia o que era “gringa” e nem “biruta”. Uma vez perguntei: “O que quer dizer isso? Quando eu soube, nunca mais fiz ginástica na praia. Aprendi que não se deve mexer com a parte que não se conhece. Na Europa não se podia nem sentar assim. Esse era o Brasil de antigamente.

Nessa época fui ajudar o casal Otto e Franca Gottlieb a cuidar das crianças: Hugo Emilio (1948) e Raul Cesar (1950). Em dezembro de 1950 – quando nasceu Raul Cesar Gottlieb que aqui está – eu já estava residindo na casa deles. Não cheguei a conhecer a Jordana, irmã de Franca, que morreu em um acidente em 1949. Mas recordo-me de ver a Nona<sup>A</sup>, toda vestida de preto. A Franca veio da Itália, então

A- A “Nona” era Vittoria Tedeschi Cohen, física e matemática, e assistente do físico italiano Enrico Fermi (1901-1954), ganhador do Prêmio Nobel em 1938, ano em que foi para os Estados Unidos. A história da família está publicada na Coleção *Vozes do Holocausto* – vol. 1: [169-179]. Disponível em: GOTTLIEB, Franca Cohen: [https://www.arqshoah.com/images/imagens/sobreviventes-testemunhos/GOTTLIEB\\_Franca\\_Cohen.pdf](https://www.arqshoah.com/images/imagens/sobreviventes-testemunhos/GOTTLIEB_Franca_Cohen.pdf). Acesso em: 30 set. 2020.

### *Vozes do Holocausto*

com 14 anos, mas não estava fugindo como nós alemães. Ela tinha tios aqui no Brasil, era muito inteligente, e a Nona também era fantástica!

Não me recordo como conheci a avó do Raul. Não sei [...]. Eu passava muito tempo na casa da Franca com as crianças. O Raul adorava entrar na água, e o Hugo, o outro irmão mais velho, detestava água, tinha medo. Antigamente, entre aqueles guardas salva-vidas que eram nossos amigos, havia dois irmãos, ótimos, dois meninos crioulos, bem fortes, bem simpáticos. Eles “guinaram” com o Raul, levando longe, pois ele adorava água. Agora, com relação ao Hugo, dei um jeito: fiz amizade com Vicente, no Copacabana Palace, que trabalhava como “toma conta”, tomava conta da piscina. Assim, eu entrava com o Hugo e o Raul na piscina das crianças. O Hugo não tinha medo, graças a D’us! Ele tinha muito medo mesmo era do mar. Em 1954 nasceu Marcel Bernardo.



Família Gottlieb, que acolheu Marguerite no Rio de Janeiro. Em pé: Franca, Hugo, Otto, Raul e Guido Cohen (pai de Franca). Sentados: Vittoria (mãe de Franca), Adolf (pai de Otto), Marcel e Dora (mãe de Otto). Rio de Janeiro, s.d. Fotografia não identificado. Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

Nossa vida judaica aqui no Rio? Para minha mãe o recomeço foi difícil, pois ela não podia trabalhar no hospital, que exigia um exame. Como ela já tinha 50 anos, foi trabalhar



Otto e Franca Gottlieb com as crianças Marcel (à esquerda), Hugo e Raul, citados por Marguerite como sendo sua família. Rio de Janeiro, c. 1956. Fotografia não identificado. Disponível em: <http://slideplayer.com.br/slide/1609434/5/images/16/OTTO%2C+FRANCA+E+FILHOS%3A%2C+HUGO+EMIL-IO+%281948%29%2C+RAUL+CESAR+%281950%29+E+MARCEL+BERNARDO+%281954%29.jpg>. Acesso em: 30 set. 2020. Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

[como enfermeira] logo, logo, em um hospital particular. Nunca dependemos dos outros. E eu também fui trabalhar, não estudei nada.

Os pais do James, meu padrasto, tinham um jornalzinho em Berlim. Depois, o James, trabalhou na cozinha para uns americanos. Ele era baixinho, magrinho e falava um português terrível, se comparado com as trabalhadoras do Rio Grande do Sul, que falavam alemão e português perfeitos, mas não escreviam, nem liam. No Espírito Santo também havia uma colônia onde se falava bem alemão, e nunca estiveram na Alemanha.

Quando o Raul cresceu, ele foi dormir no quarto ao lado com o Hugo. O que eu fazia? Eu dava banho neles, dava comida. Trabalhei lá durante dois anos, mais ou menos. Quando o Marcel nasceu, em 1954, eu já havia saído. Fui para a Bolívia porque o meu padrasto tinha um irmão em La Paz. Ficamos na Bolívia, em La Paz, uma coisa horrorosa. Lá havia uma comunidade judaica e também o Macabi. Para muitos judeus, que não conseguiram refúgio em outro lugar, La Paz foi a última salvação. Eu não gostava, minha mãe não gostava. Um dia ela disse: “Olha, você pode ficar aqui, mas eu vou para o Brasil, vamos nos separar.”

Todos voltamos para o Brasil, por incrível que pareça. O meu padrasto tinha uma loja para fotógrafos e fotografias, sendo que o filho era jornalista, jornalista na Bolívia. Assim, ficamos até abril de 1950, apenas um ano.

Quando voltamos para o Rio, eu fui trabalhar com os Levalds, proprietários de uma loja de molduras para quadros, coisas assim. Depois fui para a R Símbolo, uma loja bem grande de joias e *souvenirs* brasileiros dentro do Copacabana Palace: joias, joias, joias, joias. Ali fui gerente, acho que durante 40 anos.<sup>A</sup> Em S. Paulo também existiu a R Símbolo, assim como no aeroporto do Rio de Janeiro. Essa era uma loja grande que vendia joias e também *souvenirs* dentro do Copacabana Palace, na praia de Copacabana. Eu falava vários idiomas: alemão, francês (que aprendi em Paris), espanhol (que aprendi na Bolívia), italiano (por parte da mãe do Raul e do Hugo). Nos domingos e feriados o hotel era bem movimentado. Passavam por lá todas as equipes da Alitalia, da Air France.

Nossa relação com a comunidade judaica do Rio de Janeiro era ruim. Ninguém queria saber de campo de concentração. Eu tinha vergonha de falar de campo de concentração. Minha mãe pedia para não falar: “Não fala nada de campo de concentração!” Eu tinha vergonha, ninguém falava. Por quê? Porque ninguém queria ouvir. Sim, a geração de vocês, sim. Não queriam ouvir nada, absolutamente nada. Uma vez perguntei: “Por que vocês não querem ouvir?” Resposta: “Ah, porque nós temos vergonha. Ah... o que é?”

Eu frequentei a casa de judeus que não eram religiosos, como a da Amélia, tia do Raul. Não frequentávamos a ARI, porque eu trabalhava aos sábados, com turistas, e também

**A-** O Belmond Copacabana Palace foi construído por Octávio Guinle, herdeiro da maior fortuna brasileira, e Francisco Castro, sendo projetado pelo arquiteto francês Joseph Gire (1872-1933) inspirado nos hotéis franceses Negresco (de Nice) e Carlton (de Cannes). Atendia a uma solicitação do então presidente Epitácio Pessoa (1919-1922), que desejava um grande hotel de turismo na então capital do país para ajudar a hospedar o grande número de visitantes esperados para a grande Exposição do Centenário da Independência do Brasil. Inaugurado somente em 13 de agosto de 1923, na praia de Copacabana, de frente para a Avenida Atlântica, tornou-se um ponto de encontro de celebridades, e de eventos como desfiles de moda e bailes carnavalescos, além de manter um cassino, proibido de funcionar na época do governo Dutra.



Copacabana Palace, cartão postal do Rio de Janeiro, na Avenida Atlântica, onde Marguerite Stein Hirschberg trabalhou na loja R Símbolo durante 40 anos. Rio de Janeiro, s.d. Acervo: Arquivo Nacional/RJ.

no domingo. Eu nunca neguei minha religião judaica, mas a ARI não sabia. Meus pais eram sócios da ARI; eu nunca quis. Depois de velha, passei a ir, mas os meus interesses eram completamente diferentes das moças da ARI, que falavam de festas, de vestidos, essas coisas que eu nunca falei com ninguém. Naquela época, namorar era proibido.

Aqui no Brasil corriam notícias do que tinha acontecido em Auschwitz, nos campos de concentração. Eu ouvia o pessoal comentar, depois de 1945 todo mundo sabia. Mesmo lá em Terezín sabíamos que muitos judeus iam para Auschwitz; eu sabia que existia Auschwitz II, sobre os novos transportes que chegavam. Os últimos a chegar foram os judeus húngaros, em 1944, e depois interromperam os transportes. Eu era muito criança, gente. Anos depois, encontrei essa minha amiga que hoje mora nos Estados Unidos. Ela me procurou e me achou, acho que através do testemunho que dei para o projeto do Spielberg, onde está o meu nome. Certamente ela olhou, e com a ajuda da Cruz Vermelha me achou. O nome dela: Gliszia Ester, e, depois de casada, Gliszia Ester Simon. Ela era de Frankfurt, um pouco mais velha do que eu, acho que dois anos. Ela me escreveu e a Cruz Vermelha ia me pagar

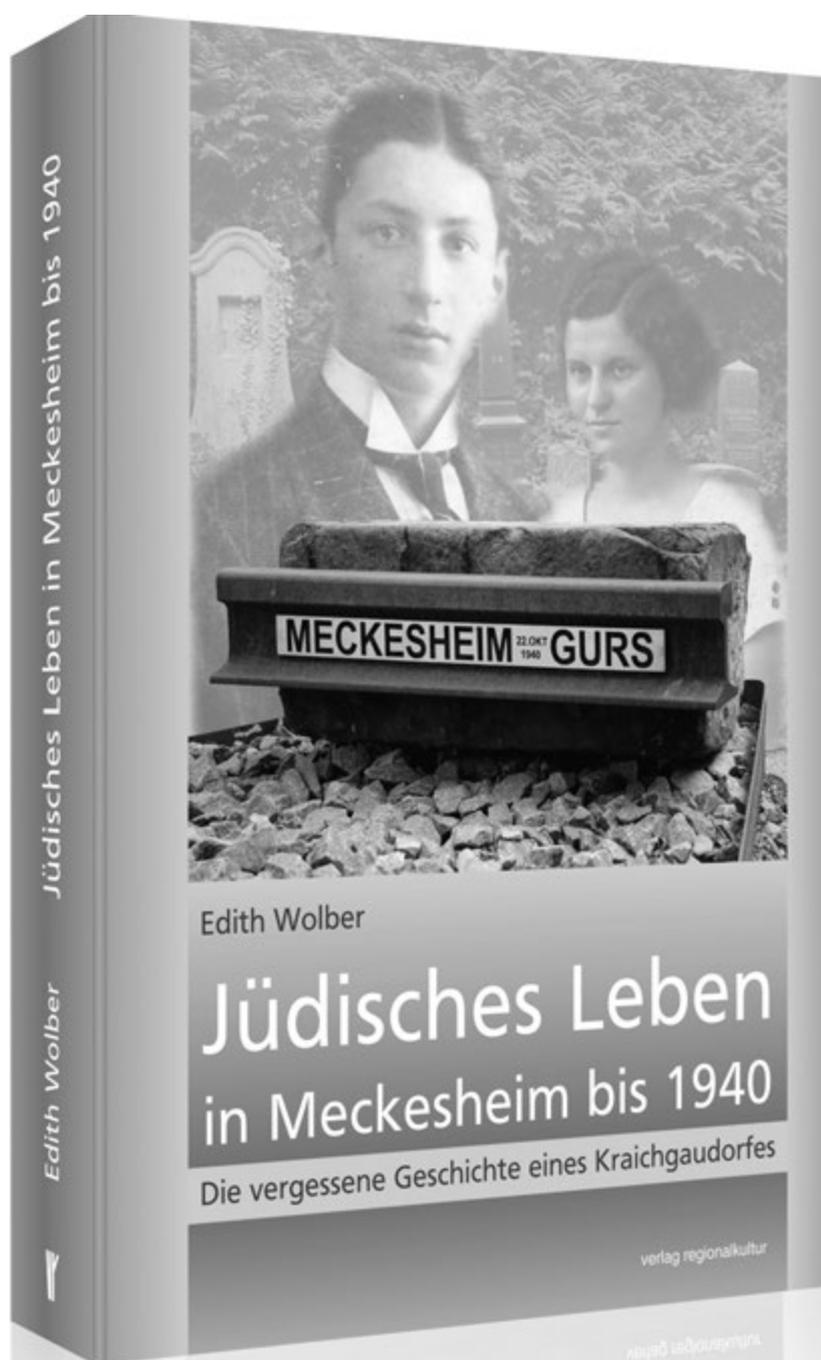
uma viagem para os Estados Unidos, por dois dias. Isso foi no ano retrasado, mas não fui. A Glisia estava muito doente, com câncer e faleceu.

Minha mãe faleceu com mais de 86 anos, atropelada por uma bicicleta aqui no Rio. Ela parecia uma pessoa fraca, mas ela sempre foi muito forte. Muito mais que eu. Era magra, baixinha, olhos azuis. Mas veja, 1,65 metro não era tão baixa no Brasil, mas para a Alemanha era bem baixinha.

## ***Meu retorno à Alemanha***

Minha mãe [...], depois que todo mundo morreu, nunca mais voltou... [para Frankfurt]. Eu voltei porque eu queria ver o lugar onde minha família nasceu. Em 2017 escreveu-me uma pesquisadora querendo informações sobre minha família. Ela publicou um livro onde tem toda a minha história, com a fotografia da minha mãe. Eu retornei à Alemanha, convidada pela prefeitura de Frankfurt para um programa com os sobreviventes do Holocausto. Pensei: “Eu? Por que eu, se não tenho nada para dizer, não é mesmo?” Aí, eu fui lá com minha prima Ida e fiquei hospedada em um hotel de primeira. Lembro-me de que tinha cocô de pombo e quem limpava era um casal da Iugoslávia, que depois veio pedir dinheiro dizendo que ganhava pouco etc. Achei um desaforo! Referindo-me ao Brasil, eu disse: “Eu venho de um país mais pobre ainda que a Iugoslávia”.

Em Frankfurt recebi uma homenagem organizada pela prefeitura da cidade, passearam com a gente de ônibus ao redor da cidade, fizeram muitas coisas. Mas eu não gostaria de voltar a morar novamente lá. Visitar foi bom, lembrei-me de coisas da infância, mas a cidade mudou muito porque foi bombardeada durante a guerra. Da minha casa não restou nada, nada. Hoje eu recebo indenização de guerra, mas muito pouco. Tem gente aqui que “tiveram amebas”, e recebem mais que eu [...]. Mas para mim este valor está ótimo. Com o dinheiro da Alemanha e a minha aposentadoria, estou bem.



*Jüdisches Leben in Meckesheim bis 1940*, de Edith Wolber, que traz a história de vida da família Stein, citado por Marguerite. Publicado pela Regionalkultur Verlag em 2015.

## ***Minha mensagem para as novas gerações***

O que mais eu posso dizer? O futuro? Eu não tenho aqui a bola de cristal. O mundo de hoje é um caos, é realmente um caos. O que posso falar sobre o mundo: massacres? Qual é a alegria neste mundo que para onde você olha tem massacres? É horrível O que eu gosto mesmo é da natureza. Eu tenho aqui umas amigas passarinhas que vêm todas as manhãs e tardes cantar comigo: eu canto e elas cantam também. Tinha também um canário do lado de lá, mas como a casa vai ser vendida, levaram o canarinho. Esse era meu amiguinho também. Eu gosto muito da natureza, de flores, de plantas. É o que fica.

Para encerrar, digo que não dá para passar uma mensagem para os jovens, é muito difícil. Tudo mudou. O que eu penso hoje? Que sou uma analfabeta eletrônica, que não sei nada, apenas que o mundo no futuro vai ser eletrônico, não é mesmo? Vai ser tudo assim, e eu vou ficar de fora: *outsider*. Mas isso não é uma recomendação, estou sim pensando como vai ser o mundo daqui a 50 anos. Também não sei o quanto esses jovens estão tão envolvidos, não sei. Tem uns que sim, uns que não. É muito difícil dizer. Conteí minha história para os filhos do Raul, eles se impressionaram, mas tem muitas pessoas que não se impressionam com nada. Tanto que eu não podia falar de campo de concentração quando aqui cheguei há muitos anos, muitos anos atrás. Eu não frequentava a comunidade judaica porque ninguém me queria. Quem iria querer uma chata por lá, para falar sobre o tempo que passou em um campo de concentração? Eu nunca conteí.

Sobre qual foi o momento mais feliz da minha vida? Não sei. Eu já tentei, mas não me lembro. De alegria? Não que eu me lembre. De um momento triste? Ichiiii!!!! Não posso julgar, tenho que pensar. Não é fácil, mas o que é alegria? Dentro do campo? A minha amizade? Tinha muitas amizades, de colegas meus, mas que foram mortos. Isso já é uma tristeza, uma das tristezas. Além da amizade, não tinha nada mais para nos deixar alegre; talvez o sol. Tempo bom [...] nos deixava alegres. Quer dizer, a gente era criança então, não se dava conta, depois é que a gente se dá conta. Mas, alegre, alegre...? Não... Ainda gosto muito de música, muito, muito. Aqui no Rio nós íamos sempre ao teatro, tínhamos assinatura do Municipal. Agora não tem nem programa, não é Raul? Íamos sempre com o Raul e sua mãe, anos a fio íamos juntos, durante muitos anos. Agora menos ainda, pois a Franca não sai mais de casa, está cada vez pior [de saúde].

*Marguerite Stein Hirschberg*

Antes de vir aqui para o “Lar”, eu morava no Belford Roxo, Copacabana, naquele apartamento que pegou fogo. Alegria, alegria? Foi lá que caí no meu quarto e quebrei a perna. Fomos para o hospital, e não sei como, o apartamento pegou fogo, queimou tudo. Vocês não têm noção! Não sobrou nada.

Deixo aqui uma mensagem para os meus netos e “bisnetos”, ou então... acho melhor dizer que sou “bis-tia” dos filhos e netos do Raul. David é muito tímido; Arthur, o irmão, é mais expansivo. O Rafael, que está em Israel e uma vez por ano vem nos visitar aqui no Rio, ele é uma graça, tem uma imaginação muito grande, fala o hebraico e o português sem sotaque, não como eu. Tem também o Jonatas, com 8 meses, e a Clarinha que é uma gracinha, lourinha, bastante levadinha. Um conselho para o Rafael: que ele seja feliz e tenha saúde, que aprenda bastante com a vida.

## Vestígios de memória da família Neuberger Stein<sup>A</sup>



Pedra e o meio fio que revestia a plataforma da estação de Meckesheim, hoje um marco de memória, instalada na ponte em Dammweg, em 2007.

Marguerite Stein Hirschberg (1933-2020) e sua mãe Anne Louise Hirschberg, Stein de nascimento, felizmente sobreviveram ao Holocausto. No entanto, nem todos da família Stein tiveram a mesma sorte. A trajetória de sua avó materna, Lina Neuberger Stein e seus filhos, serve aqui de exemplo para avaliarmos as sequelas deixadas pelo antissemitismo e a separação dos seus pais impostas às crianças, sempre vulneráveis, pelo governo nacional-socialista. O testemunho de Marguerite nos instiga a refletir sobre a intensidade e os limites do terror que, no caso de Theresienstadt, foram mascarados pela mentira e o *slogan* de “cidade modelo”. Através da documentação disponível nos arquivos da Alemanha e Israel, principalmente, sabemos que os nazistas defendiam o assassinato de crianças, muitas vezes como uma forma de retaliação aos judeus e àqueles que se opunham ao regime, como aconteceu com Hans Kiefer, o pai biológico de Marguerite.

A- Histórias e fotografias da família Stein estão disponíveis em: [https://www.rnz.de/nachrichten/region\\_artikel,-erste-solpersteine-in-meckesheim-juedische-familien-symbolisch-in-die-dorfgemeinschaft-zurueckgeholt-\\_arid,339255.html](https://www.rnz.de/nachrichten/region_artikel,-erste-solpersteine-in-meckesheim-juedische-familien-symbolisch-in-die-dorfgemeinschaft-zurueckgeholt-_arid,339255.html); e <http://www.mahnmal-neckarzimmern.de/gedenksteine/meckesheim.50>. Acesso em: 30 set. 2020.

A separação, tanto para os pais quanto para os filhos, sempre é narrada pela criança sobrevivente como um trauma, impondo na maioria das vezes o silêncio ou então o esquecimento. Nem todos, durante a fase adulta, tiveram a oportunidade de conhecer o destino de seus familiares desaparecidos durante a Shoah\*, ou sequer podiam falar deste assunto. Marguerite, durante a entrevista gravada pela equipe Arqshoah, lembrou-se dos momentos alegres e com muita música, vivenciados ao lado de sua avó, Lina Neuberger Stein, e de seus tios Julius Neuberger Stein [1897-1945], Alice Neuberger Stein [1901-?] e Heinz Neuberger Stein [1907-?].

Os Neuberger Stein residiam em Meckesheim, um município alemão ao sul de Frankfurt, que surgiu de uma aldeia, assim reconhecida no Palatinado Eleitoral até 1806. Ali, entre 1700 e 1937, existia uma comunidade judaica que atingiu seu auge em 1880 com 66 pessoas. Em 1830, uma sinagoga foi construída na Leopoldstrasse 23, no local onde antes existia apenas uma sala de oração. Vendida em 1937, a sinagoga escapou da destruição no *pogrom*\* de novembro, sendo hoje usada como edifício residencial. Os mortos da comunidade judaica foram enterrados pela primeira vez em Wiesloch, e, em 1896, foi construído um cemitério separado, ao lado do cristão. No livro memorial da sinagoga consta o nome de Lina Stein (nascida Neuberger).

Sobre Lina Stein, de solteira Neuberger, e seus filhos, sabemos que:

Lina Stein nasceu em Meckesheim em 28 de janeiro 1876. Ela pretendia ser professora, mas isso não era possível para uma garota de aldeia na época. Ela frequentou a escola comercial em Sinsheim, casou-se aos 20 anos e teve cinco filhos, um dos quais morreu prematuro. Depois de ficar viúva em 1908, ela assumiu a loja de armarinhos [*Kurzwarengeschäft*] na Friedrichstrasse 1, um ponto de encontro popular para mulheres e meninas, dizem testemunhas contemporâneas. Durante a era nazista, a loja foi primeiro vigiada, depois denunciada, boicotada e finalmente pilhada. A família passou a viver com ajuda dos aldeões locais. Em 22 de outubro de 1940, Lina Stein foi deportada de Gurs nos Pirineus franceses [Transport 18, Train 901-13] para

o campo de Drancy (França), sendo assassinada em Auschwitz em 12 de agosto de 1942.

Julius, o filho mais velho de Lina Stein, lutou pela Alemanha na Primeira Guerra Mundial, sendo condecorado com a Cruz de Ferro, 2ª Classe. Mais tarde, ele fez um curso de comércio, passando a administrar uma mercearia em Stuttgart. Quando ele foi deportado para Lublin em 1942, seu rastro se perdeu. Em 1945 ele foi declarado morto.

Sabe-se que Alice gostava de fazer música e que cantava também no coro da igreja protestante. Ela também foi levada e assassinada em Auschwitz. Heinz Neuberger Stein, o filho mais novo, tinha problemas mentais e, aos 27 anos, foi admitido no sanatório e lar de idosos em Wiesloch, e posteriormente esterilizado à força. Esteve em um campo de trabalhos forçados até ser deportado para Lublin. A data de sua morte é desconhecida.

Anna, que era enfermeira profissional, sobreviveu a Theresienstadt com sua filha Marguerite. Ambas emigraram para o Brasil em 1946. A neta de Lina Stein, Marguerite, faleceu no Rio de Janeiro em maio de 2020.<sup>A</sup>

Estas poucas informações sobre a família materna de Marguerite nos oferecem uma dimensão singular do desmembramento das famílias judias durante a Shoah\*. O vazio dessas perdas soma-se à ausência de documentação

A- HANSELMANN, Inge. “Jüdische Familien symbolisch in die Dorfgemeinschaft zurückgeholt”, in: *Rhein-Neckar-Zeitung*, 19 de fevereiro de 2018. Disponível em: [https://www.rnz.de/nachrichten/region\\_artikel,-erste-stolpersteine-in-meckesheim-juedische-familien-symbolisch-in-die-dorf-gemeinschaft-zurueckgeholt-\\_arid,339255.html](https://www.rnz.de/nachrichten/region_artikel,-erste-stolpersteine-in-meckesheim-juedische-familien-symbolisch-in-die-dorf-gemeinschaft-zurueckgeholt-_arid,339255.html). Acesso em: 29 set. 2020

KLARSFELD, Serge. *Le Mémorial de la déportation des juifs de France, 1942-1944*. Paris: Béate Klarsfeld Foundation, 1978; *Unfolding Communities: The Lost Jews of Mellrichstadt*. Disponível em: <https://judaica-mellrichstadt.de/en/history/jewish-soldiers-world-war/>. Acesso em: 30 set. 2020.

pessoal, muitas vezes perdida ou queimada, como aconteceu com Marguerite. Diante das lembranças de Marguerite, saímos em busca de informações sobre Lina Neuberger Stein, citada entre os 23 judeus moradores de Meckesheim, em 1933. Nos anos seguintes, a maioria emigrou para outros países ou se mudou para grandes cidades devido às consequências do boicote econômico, aumentando a privação de direitos e as represálias, a saber:

Um total de nove homens, mulheres e crianças judeus emigraram para a Holanda. Sete deles foram deportados via Westerbork para Auschwitz ou Mauthausen e assassinados. Oito membros das famílias Kaufmann e Stein foram deportados para Gurs via Mannheim, Heidelberg ou Kippenheim ou para Auschwitz-Birkenau, Lublin ou Mauthausen via Stuttgart e Potsdam. Os últimos três residentes judeus foram deportados de Meckesheim para Gurs em outubro de 1940. [...] Duas pessoas da família Neuberger, Anna Stein e sua filha Marguerite, conseguiram emigrar para o Brasil em tempo hábil. sobreviveram ao campo de Theresienstadt e emigraram para o Brasil após a era nazista.<sup>A</sup>

A partir de fevereiro de 2018 ocorreu em Meckesheim a primeira colocação de “pedras de tropeço” (*Stolpersteine*) nos seguintes locais: Friedrichstrasse 1 e Leopoldstrasse 28, totalizando doze pedras *in memoriam* às duas famílias

A- Fonte: Informações baseadas nas listas do Yad Vashem, Jerusalém, no *Livro Memorial – Vítimas de perseguição de judeus sob a tirania nacional-socialista na Alemanha, 1933-1945* e na pesquisa de arquivo sobre as famílias Eisemann, Zuckermann, Kaufmann e, mais especificamente, sobre Lina Stein, nascida Neuberger (1876), com seus filhos adultos Julius Stein (1897), Alice Stein (1901) e Heinz Stein (1907). Disponível em: [http://alemannia-judaica.de/meckesheim\\_synagoge.htm](http://alemannia-judaica.de/meckesheim_synagoge.htm). Acesso em: 29 set. 2020.

judias Kaufmann e Stein. Simbolicamente, os Stein e os Kaufmann, deportados em 1940, foram “trazidos de volta” para a comunidade, segundo artigo de Inge Hanselmann no *Rhein-Neckar-Zeitung*, de 19 de fevereiro de 2018. Uma forma de lembrar, “tropeçando” na lembrança. Assim, o número 1 da Friedrichstrasse transformou-se no lugar de memória dessa mulher que dirigia uma pequena loja de armarinhos, bem como de seus filhos e sua neta. No *Stolpersteine* dedicado a Lina Stein, nee. Neuberger, o artista Gunter Demnig escreveu: “Nasceu em 1876; deportada para Gurs em 1940; assassinada em Auschwitz em 1942.” Os dados pessoais e históricos de Marguerite e de sua mãe Anne Louise Stein encontram-se registrados no *Memorial Book of the Home of the Jewish Women's Association in Neu-Isenburg* (Livro Memorial da Associação Lar das Mulheres Judias em Neu-Isenburg), 1907-1942. A partir desta publicação, seus nomes integram a Base de Dados Arqshoah: [www.arqshoah.com](http://www.arqshoah.com). Marguerite faleceu em 8 de maio de 2020.

Texto de Maria Luiza Tucci Carneiro, 2020.